

## Isabel Horta

Jornalista da SIC

### Como é que foram produzidas as reportagens Visão Portugal?

Para a rua ia um jornalista da Visão, um repórter de imagem (da SIC) e um fotógrafo (da Visão). Isto era para ser só feito por eles (jornalistas da Visão) e tinha por base os resultados preliminares dos censos de 2011. E eles (jornalistas da Visão) acabaram por se entusiasmar e portanto os censos eram uma coisa muito limitada. Eles acabaram por abrir o leque e querer fazer outras coisas, até porque de alguma maneira aquilo dava alguma projeção à revista e acabaram por abrir o leque e nós (SIC) não nos importámos de facilitar, porque também gostamos que os jornalistas da imprensa escrita, que julgam muitas vezes que o seu trabalho é um trabalho com muito valor e depreciam muitas vezes o trabalho dos jornalistas de televisão, percebam a dificuldade do meio televisivo e percebam que muitas vezes o trabalho no meio televisivo tem um valor que eles desconhecem. E portanto não nos importámos de dar uma mão e de os ensinar a apreciar. No princípio, eles como pensavam que era uma coisa simples, não davam cavaco às tropas e começaram a ir a sem a mínima noção do que era realização de um trabalho no terreno. E, portanto, o resultado era péssimo e quando cá chegavam eles tinham um texto para imprensa escrita, sem a mínima viabilidade de se transformar numa reportagem televisiva. E portanto tivemos de pôr os pontos nos i's e eles tiveram de passar a vir cá antes para trocarmos ideias e eles perceberem todo o trabalho que tinha de ser feito a montante, todas as ideias que tinham de ser projetadas, digamos assim, para o terreno, para depois aquilo ser transformado numa reportagem que televisivamente pudesse ter algum interesse. Porque para televisão não basta que se tenham umas ideias sobre os assuntos, entrevistar dois, três ou quatro especialistas. Muito pelo contrário, porque isso até pode tirar o interesse todo à reportagem. Quando muito podemos falar com eles para nos informarmos sobre os assuntos, mas depois temos que ter outras coisas. Não basta falar com as pessoas. E não basta saber sobre os assuntos. Temos de mostrar e demonstrar através da imagem. Está fora de questão falar com especialistas e depois arranjar umas imagens quaisquer para pintar um texto. Aqui não se pintam textos com imagens. Aqui, quando muito, pintam-se imagens com textos. Eles tiveram de perceber isso e para perceber isso tinha de vir cá, um a um, tinha de ser muito conversado. Por vezes eles resistiam, porque não conseguiam entender e só depois de chegarem cá com as imagens e de se ver que não se fazia nada com aquilo, tinham de voltar duas e três vezes à rua, o que, em termos de custos fazia com que as reportagens ficassem extremamente caras. Na montagem, eles efetivamente percebiam que aquilo não tinha ponta por onde se pegasse.

### **Que tipo de alterações tiveram de ser feitas?**

Muitas vezes havia o trabalho de agarrar nos textos e virá-los completamente ao contrário, para que, televisivamente, poderem ter algum interesse. O que importa é que o nosso lead, em termos de peça de televisão, seja a melhor imagem, o som ambiente mais interessante. É por aí que devemos começar a nossa reportagem, a nossa história. Às vezes era pegar no meio da história e puxá-la para o princípio ou pegar no fim e torná-la o princípio. Era virá-las, por vezes, todas ao contrário. Era pegar nas histórias e remontá-las, como se fossem puzzles. (Os jornalistas da Visão) não tinham noção que se podia contar a história de outra maneira e pegar em peças e virá-las todas ao contrário e pô-las a fazer sentido. Depois fiz um exercício com eles: era pegar num parágrafo completamente denso, maçudo - que num texto escrito podia ser interessante, que a pessoa pode voltar atrás cinco vezes para perceber o que se quer dizer - e faze-los perguntar a si próprios, por cinco vezes, o que é que queriam dizer com aquilo, até ficar na sua forma mais simplificada. Ou seja, faze-los perceber que para televisão nós temos de escrever de uma forma em que a nossa empregada doméstica perceba e o juiz e o médico também.

### **Pode-se dizer que as reportagens televisivas ficaram com enquadramentos diferentes das reportagens escritas?**

Eu acho que sim, que ficaram, sobretudo porque foram limpas de três ou quatro especialistas que falaram nas reportagens escritas. Aqui não cabem citações de escritores e nós tínhamos reportagens a abrir com citações de escritores de quem a maioria dos telespectadores nunca ouviram falar.

### **O produto final para televisão teve a mesma qualidade nestas circunstâncias, comparativamente a uma reportagem de televisão realizada por um jornalista televisivo?**

Nós não vamos esperar que um jornalista que nunca fez televisão, como foi o caso da maior parte - acho que só um ou dois é que já tinham feito reportagem para televisão - venha a fazer ótimas reportagens de televisão, se nunca fez. Não estão habituados, portanto não partem com a base suficiente. Sobretudo porque eles vêm na perspectiva de fazer uma reportagem como fazem para a revista. Não sabem fazer (para televisão). Portanto, não vêm a pensar na reportagem de forma televisiva e por isso não se pode esperar que seja uma ótima reportagem televisiva.

### **Do seu ponto de vista, este tipo de parcerias só tem em vista a redução de custos ou também se podem traduzir numa maior qualidade dos conteúdos produzidos?**

Em mais qualidade nunca se traduzirá. Pode-se traduzir em maior facilidade, em conseguir fazer mais com menos meios. Por exemplo, é evidente que mandar dez pessoas para os Himalaias para fazer uma escalada seria uma coisa brutal. Mas nem toda a gente iria

conseguir fazer bem. É preciso muita capacidade para subir aos Himalaias. Bastava, portanto, irem só dois, habituados e com treino, e depois fazerem (produzirem conteúdos) para os diversos meios que nós temos no grupo. Se calhar é preferível um texto menos elaborado e irem só dois, em vez de dez - um fotógrafo, um câmara, três jornalistas, quatro técnicos não sei de quê. Portanto, a convergência é boa dependendo das situações. A convergência não é para todos, é para quem sabe e quem pode.

### **O porquê de não existir ainda um tratamento adequado dos conteúdos produzidos à web?**

Os dias das pessoas continuam a ter 24 horas. Por exemplo, temos aqui o caso de uma jornalista que está a fazer uma história grande, sobre um determinado assunto. Ela depois pode fazer uma história específica deste assunto para o Online. Mas ela vai ter de ter tempo para trabalhar a história para o Online. Se eu a seguir lhe der logo outra história para ela fazer, a única coisa que ela pode fazer é agarrar na história e publicá-la no Online. Se eu não lhe dou tempo. E na falta de tempo, agarra-se na história e publica-se no Online sem lhe dar um cunho específico para o meio. Nós próprios defendemos que as coisas devem ser publicadas com especificidade nos vários produtos que temos. Mas para isso temos que ter tempo. Temos de gerir os nossos dias, que só têm 24 horas.

### **E o os webjornalistas? Do seu ponto de vista, têm um trabalho inferior, relativamente aos restantes jornalistas?**

Eles continuam é a ser visto como pessoas muito isoladas, que se isolam muito e que procuram muito pouco conviver com o resto da redação. Eles não fazem reportagem, mas podem fazer. Podem usar os outros jornalistas da redação como fonte de informação. Se um jornalista sai para fazer um serviço e volta, eles podem utilizá-lo como fonte, em vez de irem só à agência noticiosa, que publica um telex, ou a um site de um jornal. Vivem encafuados. E isso é um mal da internet, seja em casa, seja no trabalho. Quantas vezes nós dizemos “atenção que nós estamos aqui”. Eles falam pouco connosco. Nós falamos mais com eles do que eles connosco. É o mal da internet, que se reflete neles assim também.

### **Quanto à participação do público? Alguma vez ponderou introduzir alguma informação que tenha sido avançada pelo público num comentário ou nas redes sociais, por exemplo?**

Não atribuo grande importância a esse tipo de coisa. Mas isso faz-se. Para fazer investigação novamente. Para reformular uma peça só depois de investigar. Isso faz-se, todos os dias. Qualquer coisa que nos surja fora do sítio onde estamos a trabalhar é sempre uma fonte de informação. Temos é depois de ir investigar, se é verdade, se é mentira. Mas isso faz-se não só através das redes sociais, como de um telefonema que chegue à redação. Tudo se apura.

## Luís Ribeiro

### Jornalista da Visão

**Como é para um jornalista de imprensa ter de realizar uma mesma reportagem para dois meios distintos, em simultâneo? (imprensa e televisão, no caso)**

O guião de uma reportagem não será assim tão diferente, porque uma reportagem é uma reportagem. Fazemos um *script*, uma sinopse do que queremos, fazemos uma lista de potenciais entrevistados, procuramos casos e isso é idêntico para a imprensa escrita como para a televisão. A televisão tem depois certas *nuances*. Uma das coisas que eu aprendi a fazer, uma vez que foi a minha primeira reportagem televisiva, foi que sem imagem não há história. Portanto, a imagem é muito mais importante. Nós no texto podemos descrever coisas que não foram fotografadas. Na televisão isso não é possível. Descrição em televisão não existe. A escrita de televisão também é diferente da escrita propriamente dita para revista, mas o esqueleto é o mesmo, daí que se prepara uma só reportagem. As pessoas serão sempre as mesmas, os objetivos a atingir são os mesmos e a preparação é idêntica.

**A preocupação com a imagem não é o principal na imprensa, ao contrário da televisão. Sem imagem não se faz televisão. Como é que jogou com essa situação? Houve o cuidado de pensar nos melhores planos e de pedir ao repórter de imagem determinadas imagens, com o fim de pintar a reportagem televisiva?**

Alguns pormenores sim. Embora isto tenha implicado uma conversa permanente com o repórter de imagem, até mais do que eu costumo fazer com os repórteres fotográficos. Porque lá está, se havia um pormenor que eu queria apanhar, o repórter de imagem tinha de apanhar esse pormenor. Mas pedi-lhe muita ajuda e foi ele que me apoiou imenso na busca de imagens e pormenores, que pudessem vir a interessar na história. Também antes falei muito com a Isabel Horta, que me deu uma rápida, mas riquíssima lição de televisão. E repetiu-me várias vezes: 'Cuidado, que sem imagem não há reportagem!'. Portanto, foi a Isabel Horta a pessoa que me guiou na reportagem, antes de partir. E depois, também na edição, voltei a aprender muito com ela.

**Considera que é complicado para um mesmo jornalista conseguir explorar, com qualidade, as particularidades e as narrativas dos diferentes meios?**

Não é complicado, é estimulante. Mas eu tenho a perfeita noção que apesar de já fazer jornalismo profissionalmente há 14 anos, senti-me em determinadas alturas um novato, embora que claro, a reportagem em si sei fazer-la. Senti-me um novato quando a Isabel Horta me editou o texto e eu realmente percebi que a escrita de televisão é muito diferente da

escrita de revista, sendo que eu próprio já tinha feito um esforço para que a escrita fosse mais televisiva. Mesmo assim não chegou. Não acho que seja complicado. A noção que eu tenho é que a minha reportagem não ficou, nem de perto, nem de longe, com a qualidade que muitos jornalistas da SIC têm ou poderiam dar à reportagem, porque realmente eles fazem reportagem televisiva de olhos fechados. A SIC tem alguns dos melhores repórteres de televisão do país. Eu fiquei com a noção de que a minha reportagem foi mediana, em comparação com as reportagens que poderiam ter sido feitas por algumas pessoas daquela casa. Por outro lado, acho que é o tipo de parceria em que todos ficam a ganhar. Eu pessoalmente quando vejo uma reportagem na televisão, gosto de ler, ou gostaria de ler, a mesma reportagem escrita para me dar alguma informação suplementar, mais aprofundada que a televisão não dá. Por outro lado, também se ler a reportagem escrita fico com vontade de ver a mesma reportagem televisiva, porque também me dá um valor acrescentado: a dinâmica, as pessoas a falar tornam-se muito mais próximas na televisão e percebemo-las melhor. Portanto, acho que esta complementaridade é muito boa e acho que é um caminho a seguir no futuro. Não digo que a qualidade da reportagem televisiva seja a mesma, no início de um jornalista da Visão, que faça a reportagem. Acho que todos podemos aprender melhor com o tempo, assim como também imagino que ao contrário seja uma linguagem diferente para o jornalista televisivo. Portanto, escrever para a Visão também seria um desafio bastante grande. Mas realmente é uma coisa que pode ser experimentada das duas maneiras. Também já tivemos jornalistas da SIC a escrever para a Visão e portanto acho que sim, que é um futuro em que devemos apostar cada vez mais.

#### **Escreveu primeiro a reportagem televisiva ou a reportagem escrita? Porquê?**

Escrevi primeiro a reportagem televisiva, também porque depois o processo é mais demorado. Escrever uma reportagem televisiva - só o início -, porque depois é preciso fazer a montagem e edição e a locução. Há todo um processo muito mais demorado e, além disso, o texto da reportagem televisiva funcionou quase como uma espinha ainda desencarnada para a reportagem escrita, sendo que a reportagem escrita acabou por ficar mais profunda. O tema foi mais aprofundado, com mais informação, com mais citações, mais dados, porque o espaço na revista permitia, comparando com o tempo de 12 minutos de reportagem televisiva. Portanto, sim. Escrevi primeiro a de televisão por isso, seria muito mais fácil. Seria um bocadinho estranho fazê-lo ao contrário. Porque é quase como fazer um produto acabado. Em termos de texto da revista precisa de mais retoques e mais toques do que a de televisão. Tem de ser uma escrita que não é uma escrita de agência, não é escrita de jornal diário. É sempre uma escrita mais trabalhada. Na televisão a escrita é mais direta ao assunto.

**Por que razão, na sua opinião, a grande maioria das reportagens televisivas sofreu uma inversão na ordem das histórias apresentadas, relativamente à ordem das reportagens escritas?**

A linguagem é completamente diferente. E isso nota-se nesses pormenores. A reportagem de televisão precisa de um início muito forte e que agarre imediatamente o espectador. A reportagem escrita precisa de um final que seja satisfatório para a pessoa que já esteve a ler quatro páginas e, portanto, tem que chegar ao final e não ter um final fraco. Claro que o início de uma reportagem escrita também é importante, mas uma reportagem escrita pode-se começar de uma forma interessante sem precisar de gastar o cartucho da pessoa mais interessante da reportagem. Essa poderá ficar para o fim. Embora haja um truque muito comum na escrita de revista que é voltar ao início, de certa forma, quando se chega ao fim. E portanto, muitas vezes, a história, ou o princípio que nós queremos passar é o mesmo. Em relação a isso, imagino que tenha que a ver com isso. Aquilo que é mais importante para nós, que é terminar com um “tchan”, em televisão é como se começa.

**Muitos autores que estudam os processos de convergência defendem que a mesma não passa de um plano meramente económico das empresas para fazer mais com menos, traduzindo-se isso muitas vezes em trabalhos de menor qualidade. Concorda com isso?**

Eu acredito que sim, da mesma forma que eu acabei de dizer que a qualidade da minha reportagem televisiva não foi a que poderia ter sido, se fosse feita por muitos daqueles repórteres fantásticos que a SIC tem. A questão é que fazem reportagem televisiva há muitos anos. Por outro lado, a verdade é que aquelas reportagens SIC/Visão não teriam sido feitas de outra forma, se não fosse este acordo e houve realmente um valor acrescentado para a empresa, seguramente, porque conseguiu fazer mais conteúdo, com a mesma mão-de-obra. Mas também para os espectadores e para os leitores. Lá está o que eu chamava há pouco de valor acrescentado, que é ver a reportagem, ver mais informação e reler a reportagem. Agora é óbvio que, sobretudo em tempos como este, em que os media são cada vez menos lucrativos, para não dizer pior, as empresas têm de tentar de alguma forma fazer, pelo menos, os mesmos conteúdos sem matar os seus quadros. Não conseguem, estamos numa altura em que os quadros emagrecem por todas as razões e porque estamos em crise e a primeira coisa que as empresas fazem é poupar na publicidade. Agora, os media vivem em grande parte da publicidade. Logo são as primeiras vítimas da crise. E se viessem tempos dourados, tempos perfeitos, eu diria que sim, que as reportagens televisivas ganhariam em ser feitas exclusivamente por jornalistas de televisão e as reportagens escritas por jornalistas que já escrevem há muitos anos para meios de imprensa escrita. Não vivemos esses tempos, e isto é uma solução que é bastante boa.

**As reportagens foram transpostas para a web sem que tenha havido um tratamento adequado ao meio. Porque é que ainda não se aposta nessa adaptação?**

Não sei qual é que poderia ser a adaptação à web. A web, no meio de tantas potencialidades, acaba por ser extramente limitada, porque não há muito para inventar. Uma reportagem que saia na Visão tem textos, tem fotografias. O que é que se pode pôr na Web? Textos, fotografias. Quando muito pode-se acrescentar fotografias e fazer uma montagem fotográfica. Quando muito pode-se fazer uma infografia interativa, cuja diferença em relação ao papel é quando se passa o rato em cima de um determinado ponto salta um número, que também não é uma invenção da pólvora. Além disso, neste caso, tínhamos ainda a reportagem televisiva, portanto o vídeo para mostrar na web. A única mais-valia que eu vejo na web é que é onde as pessoas podem encontrar tudo: a reportagem televisiva e a reportagem escrita. Mais que isso, a web também não tem muito para oferecer. O quê? Música de fundo enquanto vemos uma galeria fotográfica? Ninguém gosta disso.

**Quanto à participação do público, alguma vez ponderou introduzir alguma informação que tenha sido avançada no espaço dos comentários do site da Visão ou nas redes sociais?**

Há um fenómeno muito estranho. Quem está habituado, quem vive da net, tem o nome para as pessoas que comentam. 90% das pessoas que comentam são os “trolls”, porque são psicopatas sociais da internet. Os comentários são uma coisa estranhíssima, porque nós recebemos *emails* e os *emails* não são assim. Mas nos comentários não sei se as pessoas ficam demasiado entusiasmadas no diálogo com outras pessoas que não têm os mesmos pontos de vista, ou seja o que for, ou querem ser ouvidas ou lidas e tentam ser mais espampanantes na linguagem e na exposição que as outras. Mas é que os comentários são muito pouco construtivos. É muito raro vermos comentários construtivos. Talvez o Facebook esteja a limpar um bocadinho essa faceta, porque o Facebook é um bocadinho menos anónimo do que os comentários dos sítios web das revistas, jornais e televisão. E, portanto, talvez as coisas estejam a mudar um pouco nesse sentido. Porque agora o Facebook é uma ferramenta importantíssima de divulgação de jornalismo e dos meios de comunicação social. E realmente as matérias já começam a ser um bocadinho diferentes, embora às vezes ainda salte um comentário menos elegante. Mas se calhar no Facebook, por causa da ausência do anonimato já haja uma proporção contrária aos comentários da net. 90% são comentários inarráveis e 10% são comentários decentes. No Facebook, já seja um bocadinho ao contrário. Sim, pode-se tornar mais construtivo.

**Do seu ponto de vista, os jornalistas que trabalham para as plataformas *online* dos órgãos de comunicação social têm um trabalho menos importante e gratificante, face aos restantes?**

Claro que é menos gratificante. Terá outras vantagens, que é, apesar de tudo, a escolha das notícias. Há um trabalho muito exaustivo de ler muita coisa e depois escolher o melhor e

conseguir que essa escolha seja melhor que a da concorrência. Claro que é um trabalho menos gratificante. Eu pessoalmente, o que mais gosto de fazer é reportagem, de investigar e de dar notícias próprias e ficaria frustrado se trabalhasse dessa forma: fazer *copy-paste* e a publicar notícias dos outros, ou reescrever, mesmo que tivesse um contacto aqui e ali. É um trabalho menos gratificante que fazer reportagem, como da mesma forma que para mim seria menos gratificante trabalhar numa agência de notícias. É um trabalho mais imediatista e quer dizer, não vamos tão a fundo dos temas e não conhecemos tão bem as pessoas. E, portanto, vem a ser um trabalho menos gratificante para mim. Seria a mesma coisa, em certa medida, que o trabalho de um jornal diário.

## **Gabriela Lourenço**

### **Jornalista da Visão**

**Como é para um jornalista de imprensa ter de realizar uma mesma reportagem para dois meios distintos, em simultâneo? (imprensa e televisão, no caso)**

É muito diferente fazer uma reportagem para imprensa e para televisão, fazê-la em simultâneo para os dois meios significa ter de estarmos com dois «chips» ao mesmo tempo. Para mim, esta foi a primeira experiência em televisão, por isso esforcei-me por estar atenta a uma série de coisas a que normalmente não estou... e no final, percebi que devia ter estado ainda mais atenta a outras coisas e que o raciocínio para uma reportagem tem mesmo de ser diferente em televisão.

**A preocupação com a imagem não é o principal na imprensa, ao contrário da televisão. Sem imagem não se faz televisão. Como é que jogou com essa situação? Houve o cuidado de pensar nos melhores planos e de pedir ao repórter de imagem determinadas imagens, com o fim de pintar a reportagem televisiva?**

Tentei pensar em imagens e ver junto do repórter de imagem se tínhamos tudo o que precisávamos. Quando escrevi o texto, tentei pensar nas imagens que tínhamos recolhido. Mas só durante a montagem percebi verdadeiramente o funcionamento da coisa. Esta foi a minha primeira experiência em televisão. Acredito que para a próxima já estarei alerta para outras coisas e, mesmo na escrita do texto, será diferente.

**Considera que é complicado para um mesmo jornalista conseguir explorar, com qualidade, as particularidades e as narrativas dos diferentes meios? (nesta caso, da imprensa e da televisão)**

Acho que no início é complicado, mas que depois, com a experiência, deixa de o ser. Um jornalista de imprensa está habituado a trabalhar de certa maneira e tem de se adaptar ao estilo TV - tal como acontece aos jornalistas de televisão que escrevem textos para a imprensa. Mas as bases são as mesmas e acredito que, depois de uma segunda ou terceira reportagem, ambos se habituam ao estilo em que não costumam trabalhar e consigam pensar de outra forma, consoante o formato.

**De acordo com a Isabel Horta, os textos para as versões televisivas das reportagens tiveram de sofrer algumas alterações. Que tipo de alterações foram feitas? Concorda com as alterações que foram feitas ao seu texto?**

Em televisão as frases têm que ser curtas e de fácil dicção e há informação que, dita, se perde, por isso, não vale a pena lá estar. Mesmo sabendo isto à partida, sem experiência, acabamos sempre por escrever «à imprensa». Concordei com as alterações da Isabel, sim.

**Tendo em conta essas alterações, pode concluir-se que as duas versões da reportagem (televisão e revista) ficaram com enquadramentos / ângulos de abordagem diferentes? (ainda que as histórias sejam as mesmas, com as mesmas personagens)**

Acho que não. No caso da minha reportagem, troquei a ordem das histórias que apresentei, mas o enquadramento e o ângulo foi exatamente o mesmo. O que se mudou foi a forma de dizer, não o que se disse.

**Houve necessidade de se fazerem novas entrevistas ou de se recolherem novas imagens para a reportagem televisiva depois da reportagem escrita já estar pronta?**

Não, apesar de na montagem termos sentido a falta de algumas imagens.

**Muitos teóricos defendem que a convergência não passa de um mero plano económico dos media para fazer mais, com menos, traduzindo-se isso muita vezes em trabalhos de menor qualidade. Concorda com isso?**

Acho que a convergência é um plano económico para fazer mais com menos, mas também acho que podemos daí tirar coisas positivas para nós enquanto jornalistas. No caso das reportagens Visão Portugal, penso que a ideia foi exatamente dar-nos a nós, jornalistas da Visão, a oportunidade de experimentar outro formato.

**As reportagens (quer escritas, quer audiovisuais) foram transpostas para o site da Visão, sem que tenha havido um tratamento adequado ao meio (à web). Muitos autores que se dedicam ao estudo da convergência defendem que os jornalistas que fazem esse trabalho (de transposição/trabalharem para o site) têm um papel menos importante para um órgão de comunicação social. Concorda com isso? Porquê?**

Não acho que tenham um papel menos importante, mas acho que não existe um trabalho de reflexão sobre como devem as reportagens de papel e televisão ser apresentadas no site.

**Quanto à participação do público? Alguma vez ponderou introduzir alguma informação numa notícia ou reportagem que tenha sido avançada pelo público num comentário, por exemplo (seja nas redes sociais da Visão, seja no próprio site da revista)?**

Nunca estive perante essa possibilidade.

## **Pedro Góis**

### **Repórter de imagem da SIC**

#### **Como foi para si, enquanto repórter de imagem, trabalhar com jornalistas de imprensa?**

O que eu fiz foi basicamente o mesmo que faço com os jornalistas da SIC. Vejo se a pessoa tem algum conhecimento em termos televisivos, se se sente à vontade, ou se não se sente, e depois foi ter os cuidados de explicar o que é que fazia para ir ajudando e também para perceber o que é que eles procuravam em termos de conteúdo televisivo. E depois é tentar adaptar-me eu à escrita deles. Logicamente, a escrita é muito mais imaginativa e tentar adaptar muito o meu material, a minha conceção em termos de conteúdo, ao texto deles. Sei que houve alguma dificuldade, após termos estado em reportagem, porque a escrita deles não se adapta muito. Teve de ser melhorada, e acho que teve de haver uma ajuda por parte da Isabel Horta. Mas o trabalho não é muito diferente. Não se pode comparar... é como se nós fôssemos trabalhar com um estagiário. Há que ter em atenção... é a mesma coisa que nós irmos agora para um departamento diferente da SIC e tentarmos jogar um pouco com o que nós sabemos e com o que estamos a aprender. Eu considerei como se fosse uma aprendizagem também, porque tinha também fotógrafo e tive de conseguir conjugar a minha movimentação com a movimentação dele, para ninguém falhar nada. Porque em termos de fotografia há o momento certo, em termos do vídeo tem-se mais espaço de manobra. Foi um trabalho mais exaustivo porque tínhamos pouco tempo para fazer e depois nunca há conceção em termos de tempo de reportagem... há sempre material a mais, da nossa parte, para depois se reduzir para o tempo de reportagem. Nós somos repórteres de imagens. Temos de conseguir contar a história através da imagem, não tendo texto. Nós conseguimos fazer isso. Mas é preciso ter a nossa criatividade. Por isso também é importante que estejamos dentro do assunto, que não estejamos aqui só para carregar no botão do Rec. Pronto, e estar sempre... podemos apanhar uma pessoa com mais vontade, com menos vontade, com mais experiência, menos experiência, mas sempre tentando dar o nosso lado para ajudar essa pessoa.

#### **Houve, em algum caso, necessidade de se voltar à rua para se recolherem novas imagens?**

Não houve necessidade de se recolherem novas imagens. Das reportagens que eu fiz, elas foram divididas, porque tiveram de ser em dias diferentes. Uma foi sobre a questão das casas, a ilha, que tudo andava um pouco à roda da casa em si, e partindo da cozinha... teve de ser dividido em dias diferentes, porque os entrevistados não podiam nos dias em que estavam marcados. Fizemos um sobre a questão dos idosos. Foi perto de Castelo Branco. Fiz uma outra sobre os casais que já vêm de relações anteriores, que era “os meus, os teus e os nossos”. Mas pronto, não houve necessidade de fazer mais captação de imagem porque tenha falhado.

Inicialmente até acho que havia material a mais. Mas isso já tem a ver com o meu lado, que eu exagero sempre em termos de captação de material.

**Do seu ponto de vista, este tipo de parceria tem em vista apenas a redução de custos, isto é, fazer-se mais conteúdo com menos profissionais?**

Fala-se muito dessa questão da redução de custos, mas eu, falando no meu percurso, quando vim para a SIC, estive a estagiar no estúdio e fui aprendendo um pouco de tudo, relacionado não só com câmara de estúdio, mas quis aprender som, quis aprender iluminação, montagem de cenário, quis aprender um bocado de tudo. Depois acho que também tem a ver um bocado com a criatividade da pessoa: se a pessoa está predisposta a continuar o seu brio profissional - não estou a dizer que há pessoas que falham - mas há pessoas que, tendo em conta os anos de profissão, acham que já não têm de dar mais do que dão. Mas eu gosto sempre de dar mais e ir sempre melhorando. Há dias em que posso estar mais virado, há dias em que estou menos. Mas tento sempre que não haja nada a apontar ao meu trabalho e deixar a pessoa que está a trabalhar comigo satisfeita com o material que tem.

**Alguma vez teve de, em simultâneo, desempenhar mais que uma tarefa?**

Já me aconteceu ir fazer uma grande reportagem com um jornalista da SIC e ele me dizer 'Olha, nós vamos fazer este trabalho para a SIC, mas também vou ter de escrever para o Expresso, e vamos ter de tirar fotografias'. Eu sei o enquadramento de imagem em movimento. Para fotografia é complicado. Portanto, para mim, quando dizem 'tens de tirar fotografias' eu fico a pensar 'mas que momento é que eu apanho?', 'apanho o momento de reportagem para a SIC ou apanho o momento fixo para fotografia?', e ficava sempre naquela limitação. Por exemplo, punha a gravar um plano de dez segundos, e fazia um enquadramento com a máquina fotográfica. Se calhar aquela fotografia que eu tirei naquele momento não ilustra, na realidade, o que deveria ilustrar. Mas é bom nós conseguirmos fazer várias coisas. Cada vez mais tens pessoas funcionais polivalentes.